

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANA GRASIELLY RICARDO DE ARAUJO

“TRISTE, LOUCA OU MÁ?”: os efeitos psicológicos do *gaslighting* para as mulheres nos relacionamentos heterossexuais monogâmicos

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2025

ANA GRASIELLY RICARDO DE ARAUJO

“TRISTE, LOUCA OU MÁ?”: os efeitos psicológicos do *gaslighting* para as mulheres nos relacionamentos heterossexuais monogâmicos

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Profa. Me. Indira Feitosa Siebra de Holanda

ANA GRASIELLY RICARDO DE ARAUJO

“TRISTE, LOUCA OU MÁ?”: os efeitos psicológicos do *gaslighting* para as mulheres nos relacionamentos heterossexuais monogâmicos

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 24/06/2025

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profa. Me. Indira Feitosa Siebra de Holanda

Membro: Prof. Dr. Raul Max Lucas da Costa

Membro: Profa. Esp. Nadya Ravella Siebra de Brito Saraiva

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2025

“TRISTE, LOUCA OU MÁ?”: os efeitos psicológicos do *gaslighting* para as mulheres nos relacionamentos heterossexuais monogâmicos

Ana Grasielly Ricardo de Araujo¹
Indira Feitosa Siebra de Holanda²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os efeitos psicológicos do *gaslighting* em mulheres inseridas em relacionamentos heterossexuais monogâmicos. Trata-se de uma análise qualitativa de cunho teórico, fundamentada em revisão bibliográfica interdisciplinar nas áreas da Psicologia, Sociologia e Estudos de Gênero. Parte-se da premissa de que o *gaslighting* é uma forma de manipulação emocional sustentada por estruturas patriarcais e normas de gênero tradicionais, que compromete a saúde mental das vítimas ao deslegitimar suas percepções, memórias e sentimentos. O estudo busca identificar as intermitências e nuances dos impactos emocionais vivenciados por essas mulheres, considerando como vínculos afetivos iniciais podem se transformar em dinâmicas de violência psicológica. Além disso, procura-se verificar como tais efeitos se manifestam, afetando a autoestima, a percepção de si e a saúde mental das vítimas, bem como reconhecer os caminhos de enfrentamento adotados, compreendendo tanto os momentos de tomada de consciência quanto os recursos subjetivos que, por vezes, as mantêm nos vínculos abusivos, mesmo após o reconhecimento da agressão. A pesquisa revelou que os principais efeitos envolvem a diminuição da autoestima, a confusão cognitiva, o isolamento emocional e a dificuldade de nomear a violência. Destaca-se a importância de considerar a subjetividade das vítimas e o papel da experiência pessoal na compreensão do fenômeno. Conclui-se que o *gaslighting* é uma forma de violência frequentemente naturalizada nas relações afetivas, exigindo estratégias de enfrentamento que envolvam escuta empática, conscientização e políticas públicas de apoio.

Palavras-chave: *Gaslighting*. Efeitos psicológicos. Mulheres. Relacionamentos heterossexuais monogâmicos.

¹Discente do Curso de Psicologia. Email: grasy89@gmail.com

²Docente do Curso de Psicologia. Email: indira@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Em um cenário onde os relacionamentos íntimos são concebidos como espaços de afeto, apoio e crescimento mútuo, o fenômeno do *gaslighting* surge como uma sombra, obscurecendo a realidade e minando a saúde mental das mulheres envolvidas. Liguori (2015) aponta que *gaslighting* é uma violência emocional realizada através de manipulação psicológica, na qual a mulher e todos ao seu redor começam a desconfiarem que ela enlouqueceu ou que é incapaz. Em relação às normas de gênero tradicionais e as estruturas de poder patriarcais que ainda estão profundamente enraizadas, o *gaslighting* se manifesta como uma forma insidiosa de abuso psicológico que pode deixar cicatrizes emocionais duradouras. Assim como aponta Tripney (2019) o termo *gaslighting* deriva da peça de 1938 de Patrick Hamilton, *Gas Light*, que é, por si só, enganosamente apropriada. À primeira vista, é um melodrama vitoriano, um verdadeiro folhetim, mas é estranhamente perspicaz e preciso em sua representação de um relacionamento abusivo.

O termo "*gaslighting*", posteriormente representado através do filme "*Gas light*" (1944), descreve uma forma de manipulação psicológica na qual o agressor busca minar a percepção da vítima sobre a realidade, induzindo-a a duvidar de suas próprias memórias, percepções e sanidade mental. Embora possa ocorrer em qualquer contexto relacional, o *gaslighting* se manifesta de maneira particularmente pernicioso em relacionamentos heterossexuais monogâmicos, onde as normas de gênero tradicionais e o machismo estrutural fornecem o terreno fértil para sua proliferação. A pesquisa tem como questão primordial a seguinte pergunta norteadora: Quais os possíveis efeitos psicológicos do *gaslighting* para as mulheres nos relacionamentos heterossexuais monogâmicos?

Entende-se a importância ao abordar o tema proposto, visto que, assim como o machismo que é estrutural, enraizado e difícil de ser "quebrado", essa violência psicológica demonstra ser mais comum praticada por homens, dado o fato de que é deles que a sociedade estruturalmente machista e reacionária, espera e aceita esse poder de coerção e a imposição de regras, normas e limites, em detrimento a todos e quaisquer direitos e subjetividade da mulher. De acordo com Stark (2019), o *gaslighting* é uma forma de manipulação psicológica que mina a credibilidade da vítima ao desviá-la de suas próprias percepções e atribuir-lhes falhas cognitivas ou morais., funcionando com uma ferramenta de opressão inserida em estruturas misóginas e patriarcais. Faz-se necessário identificar a manifestação desses comportamentos, por exemplo, em práticas como a correção de fala, humilhação, quando não encontram oportunidade de se expressar normalmente, mentiras frequentes em suas

narrativas, traições, manipulações, dentre outros que impedem que a mulher possa expressar suas emoções de forma livre no curso desses relacionamentos. Acredita-se ser necessário analisar esse fenômeno sob a ótica feminista, para que, desta forma, seja abordado com a importância e gravidade merecidas.

Destarte, a contribuição dessa pesquisa para o campo acadêmico contribui ao ampliar a compreensão sobre os impactos psicológicos do *gaslighting* em mulheres dentro do recorte de relacionamentos heterossexuais monogâmicos, um fenômeno ainda subnotificado e, muitas vezes, naturalizado nas relações afetivas. Ao investigar a evolução dessas dinâmicas abusivas, os efeitos emocionais na vítima e os desafios enfrentados no processo de conscientização e rompimento, o estudo fornece subsídios teóricos para áreas como Psicologia, Sociologia e Estudos de Gênero. Além disso, pode embasar políticas públicas e práticas clínicas voltadas à identificação e ao enfrentamento dessa forma de violência, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias de apoio às vítimas.

Ademais, a pesquisa possui uma relevante contribuição social ao dar visibilidade aos efeitos psicológicos do *gaslighting*, ajudando a desconstruir a naturalização dessa forma de violência emocional. Ao analisar como essa manipulação impacta a saúde mental das vítimas e os desafios vivenciados no reconhecimento e enfrentamento do abuso, o estudo pode auxiliar no desenvolvimento de estratégias de conscientização e apoio, tanto no âmbito acadêmico, quanto em políticas públicas e atendimentos psicológicos. A partir de uma vivência particular pode-se conferir à pesquisa um olhar sensível e aprofundado sobre a temática. Ter experienciado múltiplas relações abusivas possibilita um entendimento não apenas teórico, mas também subjetivo, enriquecendo a análise das dinâmicas do *gaslighting*. Essa perspectiva pessoal fortalece a empatia na abordagem do tema e reforça a importância de dar voz a outras mulheres que vivenciam essa violência, contribuindo para que possam reconhecer e romper com esse ciclo abusivo.

A finalidade desta pesquisa pautou-se em analisar, à luz da literatura científica, os efeitos psicológicos do *gaslighting* sobre mulheres inseridas em relacionamentos heterossexuais monogâmicos. Para isso, buscou-se identificar as intermitências e nuances dos impactos emocionais vivenciados por essas mulheres, considerando a forma como o relacionamento amoroso, inicialmente pautado em vínculos afetivos, pode evoluir para uma dinâmica de violência psicológica marcada pela manipulação e deslegitimação da realidade da vítima. Verificar como esses efeitos psicológicos se manifestam, afetando a autoestima, a percepção de si e a saúde mental das mulheres submetidas a essa prática. Reconhecer os caminhos de enfrentamento adotados por essas vítimas, compreendendo os momentos de

tomada de consciência sobre a violência vivenciada, bem como os recursos subjetivos que, por vezes, as mantêm nos vínculos abusivos, mesmo após o reconhecimento da agressão.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

A presente pesquisa bibliográfica tem delineamento descritivo e faz uso de métodos qualitativos.

A pesquisa descritiva, juntamente com as exploratórias, costumam ser realizadas por pesquisadores sociais que se preocupam com a atuação prática. Além disso, são amplamente solicitados por diversas organizações, como instituições educacionais, empresas comerciais e partidos políticos, e geralmente assumem uma forma de levantamento (Gil, 2002, p. 42).

No que se refere ao levantamento bibliográfico, a presente pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo de natureza descritiva e teórica, fundamentado em uma revisão de literatura. Foram utilizados como critérios de inclusão: publicações disponíveis na íntegra, nos idiomas português e inglês, publicadas nos últimos 10 anos (2014-2024), que abordassem diretamente os temas "*gaslighting*", "efeitos psicológicos", "mulheres" e "relacionamentos heterossexuais monogâmicos". Foram incluídos artigos científicos, livros e capítulos de livros com abordagem teórica e/ou descritiva. Como critérios de exclusão, descartaram-se materiais que não tratassem especificamente da temática proposta, estudos duplicados, textos opinativos sem respaldo acadêmico e publicações que não estivessem disponíveis gratuitamente para consulta.

Ademais, de acordo com Minayo (2001) a pesquisa qualitativa busca compreender a complexidade dos fenômenos sociais, valorizando os significados, as relações e os contextos nos quais os sujeitos estão inseridos, em oposição à quantificação de dados. Nesse sentido, Gil (2002) explica que a pesquisa bibliográfica utiliza materiais já existentes, como livros e artigos científicos, e podem tanto complementar outros tipos de estudos quanto ser a base exclusiva de determinados trabalhos acadêmicos, quando toda a análise se apoia nessas fontes teóricas.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.2.1 Compreendendo o *Gaslighting*: Origens, definição e configuração como forma de abuso psicológico

O termo *gaslighting* surgiu a partir da peça teatral *Gas Light*, escrita por Patrick Hamilton em 1938 e adaptada para o cinema em 1944. Na trama, um homem manipula aspectos do ambiente, como o brilho das luzes, para fazer sua esposa duvidar da própria sanidade. Essa narrativa originou o conceito de *gaslighting*, atualmente utilizado na psicologia para descrever formas sutis e persistentes de manipulação emocional, voltadas a enfraquecer a percepção de realidade da vítima (Duignan, 2023).

Na psicologia, o *gaslighting* é entendido como um processo contínuo de distorção da realidade com o objetivo de desestabilizar a vítima emocionalmente. Segundo Klein, Murphy e Williams (2023), esse tipo de manipulação envolve estratégias como a negação de acontecimentos, a minimização das emoções da vítima e a inversão de culpas. Trata-se de um método eficaz de dominação, pois mina a autoconfiança e torna a vítima dependente da validação do agressor. Como afirmam as autoras: “*gaslighting* é uma forma de violência psicológica que se ancora na manipulação sistemática da percepção da vítima” (Klein *et al.*, 2023, p. 7).

Diversos estudos apontam que o *gaslighting* é recorrente em relações afetivas, sobretudo quando há desigualdade de poder. Stark (2007), por exemplo, introduz o conceito de controle coercitivo, que inclui o *gaslighting* como uma das estratégias utilizadas por homens para manter a dominação em relacionamentos íntimos. Sweet (2019, p. 857) argumenta que “o *gaslighting* é mais provável de ocorrer em relações onde há assimetrias estruturais de poder, como entre homens e mulheres, especialmente quando normas sociais reforçam a autoridade masculina”.

Além dos efeitos emocionais imediatos, o *gaslighting* está ligado a implicações sociais mais amplas. Damas, Achkar e Yunes (2024) destacam que esse tipo de violência é muitas vezes legitimado por discursos românticos tradicionais, que reforçam a ideia de que a mulher deve ceder e compreender o parceiro, mesmo diante de comportamentos abusivos. Por isso, é fundamental analisar o *gaslighting* como um fenômeno culturalmente estruturado, e não apenas como um desvio individual.

Metodologicamente, a compreensão do *gaslighting* tem se apoiado em abordagens qualitativas. A análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), e a análise temática de Minayo (2014), são ferramentas valiosas para interpretar os relatos das vítimas, revelando os padrões simbólicos de violência presentes em suas experiências. Essas análises permitem

identificar categorias recorrentes, como o isolamento da vítima, a invalidação emocional e a confusão cognitiva.

Portanto, compreender o *gaslighting* exige uma abordagem interdisciplinar, que considere tanto sua origem histórica quanto sua complexidade psicológica e sociocultural. Analisar criticamente esse tipo de abuso é essencial para romper com os ciclos de violência emocional e para desenvolver estratégias eficazes de prevenção e apoio às vítimas, especialmente em contextos de relacionamentos heterossexuais monogâmicos, onde essa prática tem se mostrado particularmente prevalente.

2.2.2 Do romance à manipulação: A evolução do relacionamento para o *gaslighting*

O *gaslighting*, como já definido anteriormente, que é uma forma de violência psicológica “sutil” em sua fase inicial, comumente manifesta dentro de relacionamentos heterossexuais monogâmicos, visto que estamos inseridos dentro de uma cultura patriarcal e machista, é mencionado em pesquisas como uma violência cometida por “gaslighters”, e aborda vários estágios. Como menciona Beauvoir (1980, p.23), “ela deverá reprimir seus movimentos espontâneos; pedem-lhe que não tome atitudes de menino, proibem-lhe exercícios violentos, brigas: em suma incitam-na a tornar-se, como as mais velhas, uma serva e um ídolo”, referindo-se à forma como os homens veem e estabelecem ser o comportamento ideal de suas parceiras.

O que é considerado anormal é perigoso e transgride as regras aceitas socialmente, tratando-se de um determinado período da história. Acerca do exposto, o filósofo Foucault (1964), em “História da Loucura”, trata, ao longo da história, a normalidade como uma forma de controle social. Portanto, uma pessoa “surtada” é percebida na sociedade como uma pessoa incapaz de responder por si, tornando-a, então, alguém mais fácil de ser manipulada, controlada. Dentre as consequências mais graves da violência psicológica, estão os problemas de saúde originados pelo intenso sofrimento psicológico, como dores crônicas, síndrome do pânico, depressão, tentativa de suicídio e distúrbios alimentares. Desta forma, é imprescindível que a violência seja enfrentada como um problema de saúde pública (Silva; Coelho; Caponi, 2007).

Apesar da possibilidade de ocorrer em diversas vinculações afetivas, onde a violência consiste em uma manipulação sistemática do abusador na tentativa de convencer a vítima de que não está agindo de forma consciente, induzindo-a e induzindo a todos ao seu redor a desconfiarem de que não são capazes. Segundo Schraiber, Oliveira e França-Junior. (2007), a

violência vivenciada pelas mulheres é uma questão de saúde pública, sendo comumente realizada por parceiros íntimos. É um problema complexo, o qual exige uma prática interdisciplinar de diferentes segmentos da sociedade (Souza; Da Ros, 2006). É comum para as vítimas de *gaslighting* duvidarem de seus comportamentos, memória e percepção, pois o abusador, “gaslighter”, pouco a pouco começa a minar a autoestima dessa mulher.

Portanto, é crucial promover a educação sobre os sinais e padrões do *gaslighting*, bem como incentivar a atenção aos seus indícios todas as nossas interações interpessoais. O reconhecimento dessa prática e a nomeação de suas táticas são passos fundamentais para que se possa desafiar e resistir a esse tipo de manipulação. Torna-se necessário cultivar uma cultura de apoio mútuo e validação, na qual a realidade de cada indivíduo seja respeitada e valorizada, independentemente do tipo de vínculo estabelecido. Essa forma de violência representa uma significativa fonte de angústia e sofrimento, sobretudo por ocorrer de maneira recorrente e, muitas vezes, despercebida (Ferreira; Danziato, 2019).

Dessa forma, ao longo do tempo, os padrões de insinuações e manipulações vão evoluindo e se tornando cada vez mais óbvios, mesmo que de forma sutil. É importante ressaltar que, com frequência, essa dinâmica da violência passa despercebida aos olhos da vítima, de modo que esta se vê tentando justificar os comportamentos do agressor, através de desculpas injustificáveis, como estresse, consumo de substâncias, e às vezes até culpando-se pelos comportamentos dele. Dessa forma, a violência se estabelece, persiste e aumenta em frequência e intensidade, tornando-se cada vez mais prejudicial (Razera; Falcke, 2017). Desta maneira, pode-se avistar a luz da realidade concreta e racional, a saída da caverna sombria e alienante da violência de gênero.

Essa transformação do afeto em violência psicológica ocorre gradativamente, muitas vezes sem que a vítima perceba os primeiros indícios. O *gaslighting*, enquanto prática de distorção da realidade, se ancora em um imaginário social que já associa a mulher à fragilidade emocional, reforçando estereótipos que as colocam como irracionais, instáveis e, portanto, desautorizadas em suas percepções. Esse processo é potencializado por uma estrutura patriarcal que silencia e desacredita a voz feminina, como discute Souza (2017, p. 104), ao apontar que “o simples fato de se tratar de uma mulher pode tornar seu discurso culturalmente menor”. Assim, o abusador encontra um terreno fértil para minar a autoconfiança da parceira, impondo-se como o detentor da razão.

A manipulação sutil, que no início pode se manifestar como “preocupação”, ou “cuidado excessivo”, gradualmente se revela como vigilância, controle e desqualificação das emoções e memórias da vítima. Segundo Kosak, Pereira e Inácio (2018), o *gaslighting* se

caracteriza justamente pela tentativa do agressor de fazer com que a mulher duvide de sua memória, de sua percepção dos fatos e até da sua sanidade, criando um cenário onde a dúvida se torna constante. Essa desconstrução subjetiva não acontece isoladamente, mas sim inserida em um contexto relacional em que a romantização do ciúme, da posse e do controle ainda é socialmente tolerada.

Ademais, como observam Lucas, Fernandes e Takemoto (2020), o *gaslighting* não é apenas uma prática individual, mas um fenômeno social que reforça a normatividade de gênero, silenciando e marginalizando experiências que não se enquadram nos moldes tradicionais da feminilidade. Ao desqualificar sistematicamente o discurso da mulher, o abusador contribui para sua reclusão emocional e social, muitas vezes utilizando estereótipos como o da “louca dos gatos” para reforçar a imagem de que mulheres que se desviam das normas relacionais são instáveis ou emocionalmente desequilibradas.

Nesse sentido, o relacionamento amoroso se converte em um campo de tensão constante, onde a mulher tenta reafirmar sua percepção diante de um parceiro que, por meio da manipulação, nega, distorce ou ridiculariza suas emoções. A violência, portanto, não se manifesta de forma explosiva, mas como um veneno que vai sendo ministrado aos poucos, desestabilizando a vítima, que passa a duvidar da própria sanidade e a se sentir sozinha, incompreendida e, muitas vezes, culpada.

Essa lógica perversa se perpetua em razão de uma construção histórica que inferioriza a figura feminina e associa sua identidade à emoção exacerbada e à irritabilidade. Como destaca Perrot (2012), o silêncio imposto às mulheres é reflexo de uma cultura que insiste em apagá-las da esfera pública e em descredibilizá-las mesmo em espaços privados. Dessa forma, o discurso masculino é naturalizado como racional, enquanto a mulher, especialmente quando expressa descontentamento ou sofrimento, é lida como “dramática”, “neurótica” ou “louca”. O *gaslighting* nesse cenário opera como um sofisticado instrumento de silenciamento e reclusão emocional.

Ao transformar o afeto em um espaço de controle e submissão, o agressor assume um papel central na definição da realidade vivida pelo casal. A mulher, então, passa a viver em estado de constante dúvida, sendo induzida a acreditar que exagera, que não lembra direito ou que não é mais quem costumava ser. É nesse ponto que o conceito de falsas memórias, como analisado por Silva (2022), se torna crucial: a vítima internaliza versões distorcidas dos acontecimentos, muitas vezes reproduzidas pelo próprio agressor e passa a duvidar de sua própria percepção do passado. A realidade vivida passa a ser moldada não pela experiência direta, mas pela narrativa manipulada, onde o agressor detém o monopólio da verdade.

Esse ciclo de violência emocional é sustentado pela culpabilização da vítima, que passa a buscar explicações dentro de si para os comportamentos do parceiro, tentando justificá-los por estresse, problemas externos, ou até como falhas próprias. Tal dinâmica contribui para o isolamento social e emocional da mulher, que se vê desamparada em sua dor. Como aponta Souza (2017), o *gaslighting* corroi o senso de identidade da vítima, comprometendo sua autonomia e sua capacidade de ação, o que amplia sua vulnerabilidade dentro da relação.

Portanto, compreender o *gaslighting* como uma forma de violência de gênero exige romper com a visão romântica das relações amorosas e enfrentar os mecanismos simbólicos e discursivos que mantém a mulher em posição de subordinação. Reconhecer essas dinâmicas é essencial para desnaturalizar comportamentos abusivos e mascarados por ideias de amor, cuidado ou preocupação.

Além disso, é fundamental ampliar os espaços de escuta e validação das experiências femininas, fortalecendo redes de apoio que possibilitem o reconhecimento do abuso. Assim, a vítima pode reconstruir sua percepção de si mesma e do mundo ao seu redor, recuperando sua autonomia e identidade afetiva.

2.2.3 Marcas invisíveis: Os impactos psicológicos do *gaslighting* nas mulheres

A violência psicológica tem, por vezes, contornos imperceptíveis, mas efeitos devastadores. O *gaslighting*, em particular, é um fenômeno que se inscreve de maneira silenciosa na psique de inúmeras mulheres, produzindo marcas invisíveis que as desestabilizam emocionalmente, corroem sua autoconfiança e afetam sua subjetividade. Inserido em contextos de relações heterossexuais monogâmicas, esse tipo de violência opera como um sofisticado mecanismo de controle masculino sustentado pelo machismo estrutural e pelo patriarcado.

Gaslighting é uma forma de abuso emocional em que o agressor distorce ou nega fatos com o objetivo de fazer a vítima duvidar de sua própria percepção da realidade. Como descreve Souza (2017), trata-se de uma violência simbólica “travestida de cuidado e proteção, mas que tem como função a manipulação e deslegitimação da percepção da mulher”. Frases como “você está louca”, “isso é coisa da sua cabeça” ou “você está exagerando” são exemplos recorrentes dessa prática, que visa inverter a lógica do conflito para responsabilizar a vítima pelo sofrimento causado.

As consequências emocionais dessa violência são profundas e cumulativas. De acordo com Santana e Dantas (2017), a vítima tende a se tornar cada vez mais frágil, manipulável, e emocionalmente dependente do agressor, o que acaba dificultando tanto a denúncia quanto a interrupção do ciclo de violência. O resultado é um estado psíquico de confusão, medo, depressão e ansiedade, o qual, muitas vezes, é invisível aos olhos externos, perpetuando a permanência da mulher em uma relação abusiva.

As relações afetivas, sob o signo do patriarcado, são atravessadas por expectativas de submissão, docilidade e abnegação atribuídas historicamente às mulheres. Como apontam Bourdieu (2012) e Alencar (2016), a dominação simbólica, amparada pelo conceito de *habitus*, faz com que a mulher assimile os códigos da subordinação como naturais, internalizando o papel de objeto e não de sujeito na relação. O *gaslighting* se torna eficaz porque se apoia em estruturas sociais que já delegam ao homem o poder de definir o que é real, racional e verdadeiro.

Essa lógica estrutural é também destacada por Brito (2020), ao afirmar que a subjetividade das mulheres/esposas é moldada por dispositivos amorosos e maternos que operam para capturar politicamente suas experiências por meio da privatização da dor. A autora afirma que as mulheres são convocadas a silenciar-se, a naturalizar o sofrimento e a assumir a responsabilidade pelas violências que vivenciam, convertendo dores políticas em queixas privadas e patologizadas.

A naturalização da violência psicológica e simbólica é reforçada pelas instituições sociais, inclusive pelo sistema de justiça. Alencar (2016) evidencia que a omissão do Judiciário em reconhecer o *gaslighting* como uma forma legítima de agressão constitui uma barreira à efetividade da Lei Maria da Penha, pois, ressalta-se que essa forma de violência é frequentemente tolerada socialmente e, em muitas situações, deslegitimada até mesmo pelas instâncias legais que deveriam atuar em seu combate.

As marcas invisíveis do *gaslighting*, portanto, não se restringem ao sofrimento psíquico individual. Elas revelam um problema coletivo de ordem estrutural e cultural. Souza (2017) afirma que as mulheres são ensinadas, desde a infância, a anular suas próprias percepções em benefício do outro, sobretudo do homem que ocupa a posição de autoridade. Isso demonstra que o *gaslighting* não apenas afeta as mulheres em nível subjetivo, mas também limita suas possibilidades de resistência e transformação social.

Conforme Santana e Dantas (2017), a violência psicológica deve ser identificada precocemente, pois, além de gerar adoecimento mental e emocional, pode escalar para outras formas mais visíveis de violência, inclusive física e sexual. A autora ressalta que a

identificação precoce das violências pode prevenir o feminicídio, tornando fundamental que a sociedade reconheça e enfrente as formas sutis pelas quais essas violências se manifestam.

Diante disso, é imprescindível desnaturalizar as formas silenciosas de dominação que operam nas relações afetivas. O *gaslighting* como prática simbólica de controle, precisa ser nomeado, debatido e enfrentado em todos os espaços — da escola ao sistema de justiça, das políticas públicas ao discurso midiático — como parte de um compromisso com a dignidade e autonomia das mulheres.

O *gaslighting*, por seu caráter dissimulado e contínuo, imprime na subjetividade da mulher uma série de marcas invisíveis que se materializam em sentimentos de desvalia, confusão, ansiedade, depressão, medo e isolamento social. Tais marcas não são visíveis ao olhar clínico imediato ou a intervenções jurídicas simplificadas, mas têm efeitos duradouros e profundamente debilitantes.

A violência do *gaslighting* se estrutura na “produção de um saber de si atravessado por culpa, dúvida e descrédito”, como afirma Souza (2017, p. 17), que destaca o quanto essas dinâmicas abusivas minam o reconhecimento da própria experiência da vítima. A mulher passa a duvidar da legitimidade de suas emoções, da validade de suas memórias e até da integridade de sua própria percepção. Essa desestabilização psíquica não acontece por acaso, mas é meticulosamente sustentada por discursos sociais que deslegitimam a racionalidade feminina.

De acordo com Alencar (2016) o efeito da dominação simbólica se manifesta por meio de esquemas de percepção e ação que são construídos nos habitus das mulheres, levando-as a aceitar como natural a posição de subordinação no âmbito das relações conjugais. A partir da perspectiva bourdieusiana, essa violência se internaliza como norma, tornando a mulher cúmplice inconsciente de sua própria condição de dominada. O agressor, portanto, atua não apenas como um indivíduo violento, mas como um agente de reprodução de uma estrutura simbólica de dominação patriarcal.

Brito (2020) complementa essa leitura ao afirmar que a subjetividade da mulher/esposa é capturada por dispositivos amorosos e maternos que operam como tecnologias de controle. A autora argumenta que essas tecnologias atuam promovendo a privatização da dor política, ao converterem a violência em um problema individual, desvinculando-a de sua dimensão social. Isso contribui para que o sofrimento advindo do *gaslighting* seja patologizado (como histeria, depressão, instabilidade emocional) e não compreendido como o resultado de uma violência sistemática.

Além da dor emocional, o *gaslighting* desarticula o campo relacional da vítima. Segundo Santana e Dantas (2017, p. 63), mulheres submetidas a essa forma de violência tendem ao isolamento, tornando-se cada vez mais dependentes emocionalmente de seus agressores. O afastamento de redes de apoio (familiares, amigas/os, trabalho) reduz sua capacidade de reação e aumenta a vulnerabilidade à violência. As autoras observam que “a vítima passa a acreditar em sua incapacidade, a qual seu companheiro tanto acusa, tornando-se frágil e manipulável”.

Esse esvaziamento subjetivo e social pode resultar em um estado de dissociação psíquica ou “apatia afetiva”, que, muitas vezes, impede a mulher de nomear a violência que sofre. Trata-se de uma forma de silenciamento existencial. Souza (2017) observa que o *gaslighting* atua de forma sutil e perversa ao distorcer a realidade, atribuindo ao agressor uma imagem de racionalidade e à vítima um suposto desequilíbrio emocional, o que favorece a normalização e a legitimação da violência.

A dificuldade de percepção e nomeação do *gaslighting* se deve ao fato de que ele opera dentro do campo da linguagem cotidiana, muitas vezes mascarado por discursos de afeto e proteção. Frases como “faço isso porque me preocupo com você” ou “você está muito sensível” agem como camadas de verniz que mascaram o abuso, tornando-o socialmente tolerável e, até certo ponto, aceitável.

O sistema de justiça também é um agente dessa invisibilização. Alencar (2016) observa que a violência psicológica é frequentemente ignorada por juízes, promotores e policiais, por ser considerada menos urgente ou objetiva do que a violência física. A autora alerta que a omissão dos sistemas de justiça diante desse tipo de agressão compromete a efetividade da Lei Maria da Penha.

Essas marcas invisíveis também se relacionam à produção histórica da feminilidade como sinônimo de fragilidade, emoção e irracionalidade. Como mostra Brito (2020), o poder age sobre os corpos femininos com uma racionalidade disciplinadora e necropolítica, moldando suas vidas e mortes silenciosamente a partir do lar — o mesmo espaço que deveria protegê-las.

Portanto, reconhecer as marcas invisíveis deixadas pelo *gaslighting* significa compreender que a violência psicológica não é um desvio ou anormalidade de um indivíduo, mas o reflexo de uma ordem social que autoriza o domínio masculino sobre os afetos, os corpos e as subjetividades femininas. Combater essa violência implica enfrentar seus fundamentos simbólicos: a hierarquia de gênero, a desqualificação do saber das mulheres e a romantização da desigualdade nas relações afetivas.

2.2.4 Entre a consciência e a permanência: O desafio de enfrentar o *Gaslighting*

A complexidade das relações abusivas marcadas pelo *gaslighting* se evidencia quando, mesmo diante da consciência da violência, muitas mulheres permanecem nesse tipo de relacionamento. Essa permanência não pode ser compreendida apenas como sinal de fraqueza ou ignorância, mas deve ser situada dentro de um emaranhado de fatores emocionais, sociais e estruturais que atravessam a subjetividade feminina e moldam os vínculos afetivos sob o patriarcado.

Souza (2017), ao investigar a dinâmica do *gaslighting* em relações heterossexuais, observa que muitas mulheres, mesmo percebendo as estratégias de manipulação e desqualificação operadas por seus parceiros, permanecem na relação por estarem emocionalmente envolvidas, afetivamente dependentes e socialmente condicionadas. A autora destaca que “o reconhecimento da violência é um processo gradual e doloroso, que muitas vezes se dá simultaneamente à permanência na relação” (Souza, 2017, p. 22).

Esse paradoxo se explica, em parte, pela forma como a subjetividade feminina é constituída em sociedades patriarcais. Brito (2020) analisa como o amor romântico atua como um dispositivo de poder que captura politicamente as mulheres em papéis de cuidadoras, abnegadas e responsáveis pela manutenção do vínculo conjugal. A autora afirma que “as mulheres são subjetivadas através de dispositivos amorosos e maternos que produzem modos de ser docilizados e silenciosos frente à violência que vivenciam” (Brito, 2020, p. 61).

Além disso, a permanência está relacionada à operação da violência simbólica, conceito central de Pierre Bourdieu (2012), que explica como as estruturas sociais de dominação se perpetua a partir da internalização de disposições que fazem com que os dominados aceitem como naturais as hierarquias às quais estão submetidos. Segundo Alencar (2016, p.47), “[...] a mulher dominada, quando está em uma relação de poder, não o percebe como opressor, pois ela internaliza as categorias simbólicas do dominante”.

O *gaslighting*, nesse contexto, atua como um instrumento dessa dominação simbólica, pois induz a mulher a duvidar de suas emoções, memória e julgamento. Como descrevem Kosak, Pereira e Inácio (2018, p. 252), trata-se de uma forma de violência na qual o agressor “distorce os fatos e omitir situações com o objetivo de fazer com que a vítima duvide de sua memória, sanidade e senso de realidade”.

Esse processo de desestabilização da percepção de si gera sintomas como confusão mental, apatia, sentimentos de culpa e baixa autoestima, fazendo com que a mulher encontre,

paradoxalmente, um tipo de “conforto” ou “habituação” à violência, como forma de sobrevivência psíquica. Souza (2017, p. 23) alerta que muitas vítimas internalizam que “o problema está nelas mesmas, reforçando o ciclo de violência e dificultando ainda mais a ruptura com o agressor”.

Além da internalização afetiva, há a legitimação social e jurídica da violência psicológica, que contribui para a permanência das mulheres nesses relacionamentos. Alencar (2016, p. 90) observa que “a omissão dos sistemas de justiça diante da agressão psicológica reforça a sua naturalização, dificultando o reconhecimento do sofrimento psíquico como legítimo e digno de reparação”.

Essa legitimação também se expressa culturalmente, através de estereótipos como o da “mulher louca”, frágil e irracional. Lucas, Fernandes e Takemoto (2020, p. 100) demonstram como o *gaslighting* se articula a discursos que reforçam o machismo e a heteronormatividade, ao “distorcer as relações de modo intencional para assegurar, reforçar e naturalizar sistemas de poder que relegam as mulheres a um eterno silêncio social”.

Portanto, romper com um relacionamento abusivo não é uma simples questão de vontade individual ou de reconhecimento da violência. Trata-se de um processo subjetivo e social profundamente atravessado por dispositivos de dominação simbólica, normas afetivas e omissões institucionais. Enfrentar o *gaslighting* requer mais do que consciência: exige redes de apoio, políticas públicas de acolhimento e, sobretudo, um esforço coletivo para desnaturalizar as formas sutis de violência de gênero.

2.2.5 E depois do *Gaslighting*, o que vem?!

Superar uma vivência de *gaslighting* não é um ponto de chegada, mas um processo contínuo de reconstrução subjetiva, social e emocional. Após o rompimento de uma relação abusiva marcada por manipulação psicológica, desvalorização emocional e perda de autonomia, as mulheres frequentemente enfrentam um vazio existencial, marcado por sentimentos de culpa, solidão, confusão e desgaste psíquico. A psicologia, nesse contexto, exerce um papel crucial como campo de acolhimento, resgate e empoderamento.

Brito (2020) destaca que o corpo violado das mulheres pode reencontrar caminhos de cuidado por meio da escuta, do vínculo e da reconstrução da dignidade através das redes de apoio formais e informais. A autora evidencia que o apoio da amiga e das profissionais da saúde foi essencial para que Maria Alice pudesse se perceber como alguém para além da mulher/esposa, e ser vista como sujeito de cuidado.

A atuação da psicologia diante das mulheres que sofreram *gaslighting* deve se dar em múltiplas frentes: clínica, comunitária, institucional e preventiva. A clínica, por sua vez, precisa ir além da escuta técnica e avançar para uma escuta crítica, empática e politicamente engajada. Souza (2017) reforça que o processo psicoterapêutico pode representar um espaço inicial de legitimação da dor vivida, possibilitando que a mulher recupere o direito de interpretar a própria realidade.

A psicoterapia possibilita que a vítima reorganize suas narrativas pessoais, confronte os efeitos internalizados da violência simbólica e resgate aspectos de sua identidade que foram apagados ou distorcidos na relação abusiva. Guareschi (2021) aponta que as mulheres submetidas ao *gaslighting* tendem a duvidar de si mesmas e a internalizar discursos desqualificadores, cabendo à psicologia o papel de desnaturalizar esses processos.

Além da intervenção individual, estratégias de empoderamento são essenciais. Isso significa investir na construção da autonomia emocional e da autoestima, mas também promover práticas que ajudem a mulher a se ver novamente como sujeito de desejo, de projeto e de voz. A socialização feminina — tradicionalmente moldada pela culpa, pelo silêncio e pela submissão — precisa ser desconstruída em espaços de escuta coletiva, onde a experiência de uma ressoe como possibilidade para outras.

Brito (2020) argumenta que é necessário desmontar os dispositivos amorosos e maternos que aprisionam a mulher à figura da esposa, a fim de que novas formas de existência possam emergir. Isso exige um trabalho de base que envolva psicologia comunitária, feminismos e políticas públicas de cuidado e valorização das mulheres.

A superação do *gaslighting* também passa pela dimensão preventiva e educativa. Investir em educação emocional desde a infância é uma forma de questionar os padrões de gênero que sustentam as desigualdades afetivas. Isso inclui ensinar meninos a lidar com frustração, empatia e limites, e encorajar meninas a se posicionar, a validar seus sentimentos e a reconhecer sinais de abuso.

Guareschi (2021) destaca que a limitação da educação emocional das mulheres à tolerância e à conformidade contribui significativamente para a construção de um contexto propício ao abuso psicológico nas relações. Promover uma cultura do cuidado, da escuta e do respeito mútuo é tarefa coletiva que ultrapassa os muros da clínica.

O acolhimento institucional é outro pilar fundamental na trajetória de superação. A construção de redes integradas de apoio — compostas por psicólogas(os), assistentes sociais, defensores(as), educadores(as) e coletivos feministas — garante que a mulher encontre múltiplas portas de entrada para romper com a violência e seguir em direção à autonomia.

O “Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência contra a Mulher” (2011) destaca que tais redes devem operar com base na articulação intersetorial, no cuidado humanizado e na responsabilização do agressor. Segundo o documento, o pacto tem como objetivo desenvolver estratégias eficazes de prevenção, além de implementar políticas que promovam o empoderamento das mulheres e garantam assistência qualificada àquelas que se encontram em situação de violência.

“E depois do *gaslighting*, o que vem?” Vem o silêncio, a angústia, a tentativa de reconstrução. Mas também vem o acolhimento, a retomada do amor-próprio, o encontro com a escuta, o olhar que valida, o gesto que repara. A superação desse tipo de violência requer mais do que denúncia: exige cuidado contínuo, apoio psicológico sensível, redes empáticas e políticas públicas comprometidas com o fim das violências de gênero.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *gaslighting*, ao se estabelecer como uma prática dissimulada e persistente de violência psicológica revela-se não apenas como um fenômeno interpessoal, mas como um dispositivo estrutural de dominação que atua no cerne das relações afetivas heterossexuais monogâmicas. Longe de ser um episódio isolado ou produto de desvios individuais, essa forma de abuso emocional é sustentada por uma teia simbólica e cultural que reforça a desqualificação da experiência subjetiva das mulheres, legitima o controle masculino e perpetua a desigualdade de gênero como norma.

As marcas invisíveis deixadas pelo *gaslighting* — como culpa, confusão, descrédito de si, isolamento e adoecimento psíquico — constituem expressões de uma violência que se infiltra na linguagem cotidiana, nas expectativas sociais de feminilidade e nas instituições que deveriam garantir proteção. Ao duvidarem de sua própria sanidade, percepção e valor, as mulheres não apenas sofrem um apagamento de si, mas são capturadas por uma lógica patriarcal que as responsabiliza pelas violências que vivenciam, patologizando suas reações enquanto silencia suas denúncias.

Como demonstrado ao longo deste estudo, romper com uma relação abusiva marcada pelo *gaslighting* não se trata apenas de um ato de vontade individual. A permanência, mesmo diante da consciência da violência, deve ser compreendida dentro de um contexto mais amplo, que envolve afetos, normas sociais e a internalização de estruturas simbólicas de dominação. O amor romântico, os dispositivos maternos e a romantização da submissão são elementos que operam conjuntamente para dificultar a ruptura e perpetuar o ciclo abusivo.

Nesse cenário, a psicologia emerge como campo de escuta, legitimação e reconstrução. Mas para além da clínica, é necessário um compromisso ético-político da profissão com o enfrentamento da violência de gênero. Isso implica em promover escutas sensíveis e críticas, fomentar a autonomia emocional das mulheres e fortalecer redes de apoio capazes de romper com o isolamento e a culpabilização. Também significa investir em práticas preventivas, como a educação emocional e afetiva de meninas e meninos, e questionar os discursos normativos que naturalizam a desigualdade nos relacionamentos.

O enfrentamento do *gaslighting* requer, portanto, uma abordagem multidimensional: subjetiva, comunitária, institucional e política. A superação dessa violência passa pela construção de novas formas de existir, amar e se relacionar, ancoradas no respeito, na escuta e na dignidade. Ao nomear, denunciar e visibilizar o *gaslighting* abre-se espaço para que as mulheres retomem a autoria de suas histórias, reconstruam seus vínculos consigo mesmas e ocupem o lugar de sujeito — e não mais de objeto — nas relações que constroem.

Que este trabalho contribua para lançar luz sobre as violências que não deixam hematomas visíveis, mas que ferem profundamente. E que, ao reconhecê-las como estruturais e não individuais, as mulheres possam seguir coletivamente na direção de relações mais justas, livres e humanas.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Geysa Simone Pereira de. **Análise da agressão psicológica contra a mulher e a violência simbólica: alcances e limites da Lei Maria da Penha**. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016.
- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo: Atlas, 2010, p. 25.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo, 2011.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo sexo: fatos e mitos; tradução de Sérgio Milliet**. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980, p. 23.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRITO, Ariane Lima de. **Vidas Maria: histórias de violência e poder na constituição das mulheres/esposas**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UCDB, Campo Grande, 2020.
- DAMAS, A. M., ACHKAR, A. M. N. E.; YUNES, M. A. M. Resilience in women victims of gaslighting-type psychological violence: An integrative review. **ARACÊ**, v. 6, n. 2, p. 1096–1117, 2024.
- DUIGNAN, B. **Gaslighting**. *Encyclopaedia Britannica*, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/gaslighting>.
- FERNANDES, F. S. **Violência simbólica e sistema jurídico: uma análise da efetividade da Lei Maria da Penha**. In: COIMBRA, Cecília M. B. *et al.* **Violência simbólica: gênero e direito**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2015.
- FERREIRA, E. S.; DANZIATO, L. J. B. A violência psicológica na mulher sob a luz da psicanálise: um estudo de caso. **Cad. Psicanálise.**, Rio de Janeiro, v. 41, n.40, p. 149-168, 2019.
- FOUCAULT, M. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1964.
- FRASER, N; ARRUZZA, C; BHATTACHARYA, T. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. 1. Ed. São Paulo: Cengage Learning, 2005.
- GUARESCHI, N. M. F. **Gaslighting: abuso emocional e relações de gênero**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2021.
- HAMILTON, P. **Gas Light**. London: Constable & Co, 1938.
- KLEIN, R., MURPHY, S.; WILLIAMS, S. A qualitative analysis of *gaslighting* in romantic relationships. **Personal Relationships**, v. 30, n. 1, p. 1-18, 2023. DOI:

<https://doi.org/10.1111/pere.12510>.

KOSAK, M. M.; PEREIRA, D. B.; INACIO, A. A. *Gaslighting e mansplaining: as formas da violência psicológica*. In: SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 5., 2018, [local não informado]. Anais [...]. [S. l.]: [s. n.], 2018. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/> (ou inserir link específico se disponível).

LIGUORI, M. **O machismo também mora nos detalhes** – Think Olga. São Paulo: Think Olga, 2015. Disponível em: <http://thinkolga.com/2015/04/09/o-machismotambem-mora-nos-detalhes/>.

LUCAS, C. H. de; FERNANDES, F. S.; TAKEMOTO, D. Y. “A louca dos gatos” ou sobre como gaslaitear o feminino: um estudo sobre a violência psicológica no âmbito do gênero. **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v. 26, n. 1, p. 147–173, 2020.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

PERROT, M. **Os silêncios do corpo**. Tradução de Luiz Antônio Oliveira de Araújo. Petrópolis: Vozes, 2012.

RAZERA, J.; FALCKE, D. Por que eles permanecem juntos? Contribuições para a permanência em relacionamentos íntimos com violência. **Psicologia Clínica**, v. 9, n. 3, p. 543-562, 2017.

SANTANA, A. S.; DANTAS, F. P. F. *A violência psicológica na relação conjugal: quando a dor atinge a alma*. *Revista Juris Rationis*, v. 10, n. 1, p. 63-74, 2017.

SCHRAIBER, L. B.; D’OLIVEIRA, A. F. P. L.; FRANÇA-JUNIOR, I. Violência contra a mulher. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 11, n. 21, p. 93 - 103, 2007.

SILVA, L. L. da; COELHO, E. B. S; CAPONI, S. N. C. de. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface**, Botucatu, v. 11, n. 21, p. 93-103, 2007.

SILVA, L. S. B. da. **Gaslight e falsas memórias na violência contra a mulher**. 2022. Trabalho de Graduação Interdisciplinar (Bacharelado em Direito) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2022

SOUZA, C. P. de. *Gaslighting: “Você está ficando louca?” As relações afetivas e a construção das relações de gênero*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

SOUZA, P. A.; DA ROS, M. A. Os motivos que mantêm as mulheres vítimas de violência no relacionamento violento. **Revista de Ciências Humanas**, v.40, p.509-527, 2006.

SPINK, M. J. P. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2010.

STARK, C. A. Gaslighting, Misogyny, and Psychological Oppression. **The Philosophical Quarterly**, v. 69, n. 274, p. 382–402, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/pq/pqz018>.

STARK, E. **Coercive Control: How Men Entrap Women in Personal Life**. New York: Oxford University Press, 2007.

STERN, R. **The Gaslighting Effect: How to Spot and Survive the Hidden Manipulation Others Use to Control Your Life**. Nova York: Harmony Books, 2018. Acesso em: 01 mai. 2025.

SWEET, P. L. The sociology of gaslighting. **American Sociological Review**, v. 84, n. 5, p. 851–875, 2019.

TRIPNEY, N. **Gaslight: the return of the play that defined toxic masculinity**. The Guardian, Londres, 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/stage/2019/oct/08/victorian-melodrama-gaslight-love-island-psychological-abuse-patrick-hamilton-play-buzzword>.